



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.



I - Nota prévia

A presente investigação, consagrada à presença do portal ou portada na azulejaria portuguesa, tem por fim a recolha, análise e compreensão da utilização deste objecto de estudo em diversos tipos de composições pictóricas

existentes na cerâmica de revestimento do período barroco, contemporâneas a alguns exemplares utilizados na arquitectura religiosa, civil e militar portuguesa¹. A presença desse tipo de vocabulário na arte azulejar, mimetizado da construção arquitectónica, à escala dos locais para onde se destinava, sobretudo os de natureza religiosa, justifica a atenção que decidimos dar a este tema. Opção reforçada pela percepção de que, no contexto português, o objecto em apreço não mereceu ainda um estudo mais exaustivo, necessário. Com efeito, se, no caso particular da investigação em torno dos portais barrocos, no material que se lhe reconhece ser originário, a pedra, muito pouco foi ainda realizado, a sua

¹ O presente ensaio figura simultaneamente no âmbito da nossa investigação de pós-doutoramento em História da Arte, "*Pórtico: estruturas de pedraria em fachadas de igrejas do distrito de Lisboa do domínio Filipino ao Terramoto*" (SFRH/BPD/85091/2012), apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência, e na nossa participação, na qualidade de consultora do projecto *Biblioteca DigiTile - Azulejaria e Cerâmica on line* (PTDC/EAT-EAT/117315/2010), onde intervimos no âmbito do estudo do ornamento e das contaminações da azulejaria e da pedraria. Todas as imagens publicadas neste texto pertencem à Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian / Colecção Santos Simões.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

presença num âmbito mais específico, o da azulejaria barroca no mesmo espaço geográfico, parece ser manifestamente mais devedor de uma visão aprofundada. Ao invés, ao lançarmos um olhar crítico pela historiografia da arte portuguesa, devemos salientar autores como João Miguel dos Santos Simões, José Meco, ou mais recentemente Alexandra Gago da Câmara, Ana Paula Rebelo Correia e Susana Varela Flor, pelo conhecimento que trouxeram ao grande público de notáveis exemplos de azulejaria, em que a componente arquitectural foi objecto para expressivas composições pictóricas².

II - O portal na arquitetura portuguesa: contexto e definição tipológica

Sobejamente referido pela historiografia da arte como o principal elemento da fachada, o portal é também aquele que maior significado simbólico acarreta, e maior impacto estilístico impõe, ou que cria maior distinção de espaços, claramente decorrentes do seu papel cenográfico, justificando a sua ampla utilização em vários outros segmentos artísticos para além da arquitectura, tais como a pintura decorativa e a pintura azulejar.

² Cf. entre as várias obras dos seguintes autores: J. M. dos Santos SIMÕES, "A intenção decorativa do azulejo", in *Litoral*, n.º 3, 1943, pp. 279-268; José MECO, "Azulejo", in Dalila RODRIGUES (coord. de), *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*, Vol. 13, Lisboa, FUBU Editores, 2009, pp. 114-136, e Ana Paula Rebelo CORREIA, "Azulejos e esculturas sem escultor: o espaço reinventado", in Pedro FLOR, Teresa Leonor M. VALE (coord. de), *A Escultura em Portugal - Da Idade Média ao Início da Idade Contemporânea: História e Património*, Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2011, pp. 399-416.

Destaque-se ainda o projecto levado a cabo por Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, *O Inventário do Património em Azulejo do Século XVIII em Portugal Continental. Constituição de Repertórios Iconográficos* (POCTI/HAR/45609/2002), e o projecto coordenado por Susana Varela Flor, *Biblioteca DigiTile - Azulejaria e Cerâmica on line* (PTDC/EAT-EAT/117315/2010). Nós mesmos já abordamos sumariamente esta questão em "Construindo identidades: Reconhecimento dos elementos decorativos comuns na azulejaria, embutidos marmóreos e talha dourada", in Susana Varela FLOR (coord. de), *A Herança de Santos Simões, Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*, Lisboa, Edições Colibri, 2014, pp. 393-411, artigo publicado em co-autoria com Sílvia Ferreira.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

O binómio "exterior-interior", a somar à axialidade, à simetria e às proporções perfeitas patentes nas portadas, permitiram que, desde a época medieval, lhe fossem conferidas a noção de sacralidade, quando objectivamente, no contexto da arquitectura, se trata de um elemento claramente funcional.

A mimetização que, desde o período clássico, se verificou da própria fachada arquitectónica no portal, reproduzindo em pequena escala elementos estruturantes de templos e outros equipamentos, conduziu a que a evolução do portal *per si* caminhasse para uma estrutura hierarquizada, constituída por vários andares, onde o seu escalonamento se assemelhou àquele que, *grosso modo*, norteou a arquitectura religiosa do mundo ocidental, entre finais de Quinhentos e Setecentos³.

No caso concreto da evolução da portada nos templos portugueses, realizada entre o tempo dos Filipes e os alvares da dinastia brigantina, e aqui esplanada para que se possa compreender melhor a realidade da sua expressão azulejar, importa referir que aquela fixou maioritariamente um modelo sem grande variação planimétrica, que diferiu no que à distribuição de elementos compositivos concerne. Se tomarmos como exemplos os casos ainda sobreviventes das portadas que povoam as fachadas da igreja da Misericórdia de Guimarães, c. 1607⁴, da igreja da Misericórdia de Aveiro, c. 1615⁵, e da Sé de Viseu, c. 1636⁶, entre muitos outros exemplos que poderíamos elencar, observamos que, apesar destes poderem variar, quanto ao número de andares

³ Acerca da importação da fachada arquitectónica para outras manifestações artísticas *vide* o catálogo da exposição *A Arquitectura Imaginária. Pintura, Escultura, Artes Decorativas*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.

⁴ Cf. "Edifício e Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5174, a 30 de Março de 2015.

⁵ Cf. "Igreja da Santa Casa de Misericórdia de Aveiro", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5173, a 30 de Março de 2015.

⁶ Cf. "Catedral de Viseu / Sé de Viseu / Igreja Paroquial de Santa Maria / Igreja de Nossa Senhora da Assunção", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5790, a 30 de Março de 2015.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

e de tramos, apresentam manifesta homogeneidade, conseguida através da configuração quase piramidal patente em todos eles, e do recurso a duplas pilastras ou a pares de colunas. A somar àqueles elementos, fortemente estruturantes, as portadas desse período, recorriam ainda, na sua maioria, à utilização de nichos para albergarem imaginária, inscrevendo-as não apenas nos desígnios proclamados pelo Sagrado Concílio Tridentino, que determinava a inclusão da representação do orago na fachada, mas dotando-as de outros princípios que reforçavam a ideia de uma Igreja hierarquizada.

As anteriores soluções, de realização mais demorada, e conseqüentemente mais onerosa, rapidamente deram lugar a outras, onde a estrutura se tornou menos fragmentada, mas com maior componente escultórica, e cujo espaço de desenvolvimento tipológico decorreu entre finais do reinado de Filipe II de

Portugal e III de Espanha (1578-1621) e o governo de D. João V (1707-1750).



Os casos da igreja de Santa Maria de Bragança, s.d., da capela de Nossa Senhora do Desterro de Alcobaça, da autoria do padre. Luís de São José, de 1716⁷, ou da igreja do antigo convento de São Francisco do Porto, s.d., e da

actual Sé de Aveiro, este datado de 1719⁸, coadjuvam esta reflexão.

⁷ Vítor SERRÃO, *História da Arte em Portugal, O Barroco*, Lisboa, Editorial Presença, 2003, p. 179.

⁸ Cf. "Convento de São Domingos / Catedral de Aveiro / Sé de Aveiro / Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Glória / Igreja de Nossa Senhora da Glória", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=238, a 30 de Março de 2015.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Abandonando a ideia de uma fachada dentro de outra, o portal passou a viver de duas partes fulcrais: os elementos que o ladeavam e a parte cimeira, ou remate. No que aos primeiros respeita, estes evoluíram para modelações mais robustas, onde colunas de fuste espiralado se impuseram, e os segundos, por sua vez, passaram a ostentar vergas, disfarçadas por baixos-relevos compreendidos em edículas ou por volumosos frontões interrompidos, aos quais se adicionavam meninos e outras esculturas de vulto perfeito e pináculos. A alteração de proporções dos mesmos, bem assim como a transformação operada no que à sua disposição diz respeito, dotou ainda alguns destes portais do que se pode considerar ter sido em alguns casos uma composição maneirista, composta por elementos de feição barroca.

Já no decurso do período joanino o paradigma alterou-se, tornando-se o portal menos exuberante no que concerne à sua volumetria. Nesse momento, verificou-se que estípites tomaram o lugar de volumosas colunas torsas e que vigorou uma linguagem predominantemente escultórica, que conferiu maior graciosidade à modelação dessas estruturas. Ilustra bem essa situação o portal da igreja do Menino-Deus de Lisboa⁹, onde se reconhece uma maior contenção planimétrica e decorativa, bem como o portal da igreja da Pena, localizado na mesma cidade, onde o baixo-relevo pontua a composição.

⁹ AA.VV, *Reabilitação Urbana 01. Intervenção de conservação e restauro – Igreja do Menino Deus*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

III - As portadas na azulejaria: representações e leituras

Para se abordar a questão das representações de portais na azulejaria, importa mencionar alguns aspectos, fundamentais para a compreensão desta temática. O primeiro deles prende-se com o facto de encontrarmos inúmeras representações dessa tipologia arquitectónica, fixadas em ciclos narrativos ou em registos iconográficos que retratam *urbes*¹⁰, e que decorrem maioritariamente da fixação da realidade, ou da mimetização de fontes gravadas. Compondo cenografias, ou fixando realidades, como a das construções de arcos efémeros, aquando determinadas celebrações ou ocasiões solenes, "as portas" funcionam como separadores dos vários momentos da narrativa. Todavia, apesar do seu contributo ser importante para o estudo do tema, os exemplos existentes não suscitam tanto interesse para o tipo de abordagem que optámos fazer.

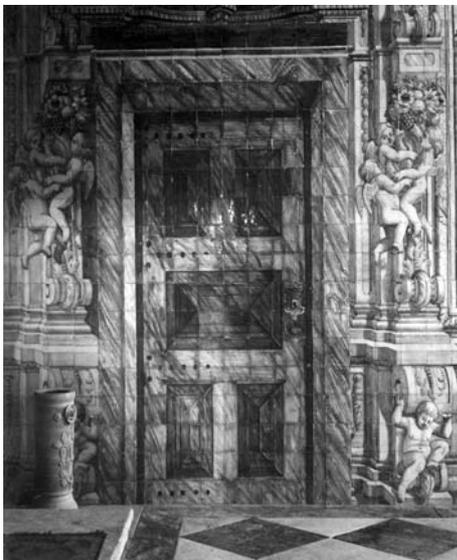
Já o segundo aspecto que aqui se deve indicar, tem por base a reprodução em locais concretos, quer dessa tipologia, quer de outras que também rasgam os panos murários, tais como janelas. Tal ocorrência, justificada pela ideia de uniformizar a leitura de um determinado espaço, através da reflexos da realidade, permitiu criar uma dialética com a real existência de vãos, assim como mimetizar um recurso que já se verificava em outras artes congêneres. Este tipo de solução, comumente utilizada na arte da pedraria, encontra assim lugar através da técnica do *trompe l'oeil*, que não só foi conseguida através da têmpera e de outras soluções pictóricas mistas, aplicadas à superfície murária,

¹⁰ Veja-se pois os inúmeros casos constantes em duas das grandes vistas de Lisboa em azulejo anteriores ao Terramoto: aquela oriunda do palácio Ferreira de Macedo, atualmente à guarda do Museu Nacional do Azulejo, e uma outra existente na Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de S. Salvador da Baía, estudados por Santos Simões em 1661 e 1665, e alvo de estudos mais recentes no âmbito do projecto *Lisboa em Azulejo antes do Terramoto* (PTDC/EAT-EAT/099160/2008), coordenado por Pedro Flor.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

como pela via da arte azulejar, neste caso muito mais resistente e perene. Observem-se os exemplos da capela-mor do convento hieronimita do Espinheiro de Évora¹¹, datado de c. 1700, da autoria de Gabriel del Barco (1648-1703?)¹², da capela-mor do convento da Luz de Borba, este realizado entre 1710 e 1760, e da igreja de São João Baptista de Figueiró dos Vinhos, de c. 1716.



A abertura de fenestrações no terceiro registo de uma superfície murária de uma nave, como acabámos de observar, terá assim conduzido, e justificado, a introdução de rasgamentos fingidos no discurso ornamental do edifício religioso, mas também a existência de portas, quer na zona da capela-mor, quer nas diversas naves. Veja-se assim o caso da capela de São Sebastião do Lumiar, de c. 1628, da igreja do Senhor Jesus dos Mártires, em Fronteira, atribuído a Policarpo de Oliveira Bernardes (1695-c.1738)¹³, de c. 1720, o caso do portal que hoje se encontra na capela do antigo cenóbio das Albertas, de Lisboa, da autoria de Nicolau de Freitas (1703-1765), bem como os exemplos existentes na igreja da Misericórdia de Tavira e na igreja do antigo colégio de Santo António da Pedreira de Coimbra, outrora da

¹¹ Cf. António Fernando MARQUES, *Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro (Évora), Bases para uma Proposta de Recuperação e Valorização*, Évora, Edição do Autor, 2004.

¹² Acerca deste pintor consulte-se José MECO, "Azulejos de Gabriel del Barco na Região de Lisboa", (Separata do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, N.º 85), Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, 1979, e Rosário Salema de CARVALHO, "Gabriel del Barco: The influence of a Spanish painter on Portuguese tile work (1669-1701)", in *Archivo Español de Arte*, Vol. 84, 335, 2011, pp. 227-244.

¹³ Cf. Luís KEIL, *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Portalegre*, Vol. I, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1943 e J. M. dos Santos SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, estampa LXXVII.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

província franciscana de Santo António da Observância, e actualmente Casa de Infância Dr. Elísio de Moura, este último datado de c. de 1760¹⁴.

Quanto à evolução cronológica deste assunto, importa começar por salientar o que ocorreu na segunda metade do séc. XVI. O carácter predominantemente decorativo e colorido da azulejaria, de sobremaneira referido pela historiografia, conduziu a que esse tipo de revestimento, quando ocupava o espaço que envolvia reais fenestrações, chamasse a atenção sobre mesmas, através da criteriosa colocação de ornamentos sobre as suas vergas. Apesar dos exemplos que testemunham esta atitude serem escassos, devemos realçar os casos que se localizam na ante-sacristia do antigo cenóbio de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, de padres Agostinhos, ou na capela consagrada a S. Roque, da igreja homónima da mesma cidade, da autoria de Francisco de Matos, datado de 1584¹⁵. Note-se ainda a particularidade de o primeiro exemplo ostentar na parte superior a representação do Santíssimo Sacramento, situação que se veio a tornar uma realidade iconográfica quer no âmbito da azulejaria seiscentista, quer no âmbito da obra de pedraria barroca, como se comprova com o exemplo do portal da igreja do convento dessa invocação, localizado no bairro de Alcântara da cidade de Lisboa.

Aos anteriores testemunhos, e já com maior distância temporal, importa adicionar um dos espécimes mais singulares da azulejaria portuguesa, o caso do portal de proveniência e autor desconhecidos, pertencente ao acervo do

¹⁴ Cf. J. M. dos Santos SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, (Edição Revista e Aumentada), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 194-195.

¹⁵ Sobre este conjunto consulte-se J. M. dos Santos SIMÕES, *Azulejaria em Portugal nos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 112, e mais recentemente as asserções sobre Francisco de Matos, de Alexandre PAIS, "O espólio azulejar nos palácios e conventos da Misericórdia de Lisboa", in AA.VV., *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2006, pp. 136-161.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Museu Nacional do Azulejo, datado de c. 1641-1666¹⁶. Esse objecto, possivelmente o primeiro nesta arte que invoca um portal de matriz clássica em Portugal, assume uma posição de charneira, face ao que se constatou ser a diversidade de situações que a azulejaria aplicada à realidade construtiva portuguesa apresentou, desde a solução encontrada para evidenciar as várias portas da "Sala dos Árabes" do paço de Sintra. Com efeito, este portal do MNAz, que possivelmente também enquadraria outro, real, de verga direita, deverá ter sido um primeiro ensaio para uma solução que se afirmaria entre Seiscentos e Setecentos. Acerca do mesmo objecto, destaque-se ainda o facto de aquilo que hoje se observa poder resultar de uma má interpretação do pintor azulejador, que terá invertido o sentido das colunas, ou simplesmente de uma actual montagem, menos cuidada.

Sensivelmente da mesma época, segundo atestam os cadernos de encargos da irmandade que conduziu as obras da fachada e respectiva campanha decorativa, e com características idênticas no que à diversidade policroma concerne, podemos ainda reconhecer o caso da edícula azulejar existente no interior do alpendre do Santuário de Nossa Senhora de Brotas. Apesar de revelar inúmeras semelhanças com a obra de talha, este objecto denota iguais similitudes com as edículas de vários portais pétreos do período pedrino, onde a inclusão da iconografia do orago do templo era impreterível, o que torna este exemplo particular neste campo de estudo. Coteje-se assim com os casos do portal lateral da igreja de Nossa Senhora do Loreto, com risco atribuído ao arquitecto Marcos

¹⁶ Acerca deste exemplo cf. o catálogo da exposição: *Um Gosto Português. O uso do azulejo no século XVII*, Lisboa, Babel e MNAz, 2012, onde o exemplar é referido com o n.º 145 (MNAz, Inv.º n.º 6118 Az).



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

de Magalhães (act. entre 1647 e 1664)¹⁷, e do portal da capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora de Jesus, este datado de 1696¹⁸, ambos em Lisboa. Quanto aos dois grandes primeiros períodos da azulejaria barroca, que, segundo José Meco, se caracterizam por terem obtido "uma liberdade gestual cada vez maior, acompanhando a evolução do estilo Barroco" e "se associarem livremente aos arcos, portas, janelas, fontes, escadas e todos os acidentes da arquitectura, recriando-a", importa referir a constante preocupação por parte dos pintores azulejadores em enfatizarem os vãos através da excessiva ornamentação de matriz escultórica¹⁹.



Na primeira fase da azulejaria barroca o papel que reconhecemos a Gabriel del Barco vai ser fundamental para o que vai desenrolar nos anos subsequentes. Ao delinear, por volta de 1699, o revestimento para a sala da irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de S. Mamede de Évora²⁰, o artista introduz colunas de fuste espiralado a ladear a porta, o que o aproxima do modelo seguido no ano seguinte na igreja do convento de Nossa Senhora da

¹⁷ Sobre este arquitecto *vide* Vítor SERRÃO, "Marcos de Magalhães. Arquitecto e Entalhador do Ciclo da Restauração (1647-1664)", in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, N.º 89, Tomo I, 1983.

¹⁸ Essa data encontra-se gravada no próprio portal.

¹⁹ José MECO, "Azulejo", in Dalila RODRIGUES (coord. de), *op. cit.*, pp. 114-136.

²⁰ Sobre a igreja de São Mamede veja-se o mais recente estudo de Celso MANGUCCI, "Anatomia da Arquitectura da Igreja da Colegiada de Santiago de Évora", in *Boletim do Arquivo Distrital de Évora*, N.º 1, Julho de 2014, pp. 27-39.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Assunção de Arraiolos. Aí, o artista vai rematar o conjunto, com frontão interrompido, e anjos sustentando um escudo, uma fórmula recorrentemente utilizada em portais de igrejas e palácios da capital.

A representação da mesma tipologia arquitectónica na igreja do convento de São Paulo da Serra d'Ossa (Redondo), atribuída ao mestre P.M.P. (act. 1714-c.1730), datada de c. de 1714, sucede cronologicamente aos exemplos anteriores e, contudo, assume um carácter único no panorama português, já que se por um lado o podemos considerar herdeiro de uma estética ensaiada no caso do portal do MNAz, a excepcionalidade imposta na escolha dos elementos que constituem o dito portal coloca-o num patamar muito superior àquele onde se encontram as obras de Barco. A proporção do frontão, bem como o facto de este sustentar figuração, e que é passível de se comparar com alguns exemplares pétreos como o da sacristia do mosteiro de S. Vicente de Fora, justificam esta asserção.

No "Ciclo dos Mestres", por sua vez, quem se afirmou no que à valorização do portal no programa ornamental azulejar diz respeito, entre muitos outros oficiais da arte azulejar, foi indubitavelmente Policarpo de Oliveira Bernardes, como se comprova na observação de obras como a decoração da portaria do convento de São Francisco de Alenquer, segundo a atribuição do Eng.º Santos Simões, ou a monumental empreitada que Bernardes levou a cabo na igreja de São Lourenço de Almancil, em 1730²¹.

A par destes trabalhos acresce ainda o caso da capela de São Bento, da cerca do mosteiro de S. Martinho de Tibães de Braga, de c. 1728-34, recentemente atribuído à parceria Nicolau de Freitas-Bartolomeu Antunes (act. até c. 1753)²²,

²¹ Sobre São Lourenço de Almancil consulte-se a notícia de J. M. dos Santos SIMÕES, "Os notáveis azulejos da Igreja de São Lourenço de Almancil", in *Correio do Sul*, N.º 1657, Agosto de 1949.

²² Cf. J. M. dos Santos SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, (Edição Revista e Aumentada), (...), p. 137.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

o da igreja de Santo António do antigo mosteiro de freiras beneditinas de Bom Jesus de Viseu (actual asilo de Santo António), de c. 1730-40, que foi alvo de um reassentamento em 1933²³, bem como o da igreja de São Martinho de Soalhães, em Marco de Canavezes.

No que à "Grande Produção Joanina" diz respeito, em que se verifica o apogeu das carreiras de Nicolau de Freitas e Valentim de Almeida, associadas por vezes ao mestre Bartolomeu Antunes, observam-se programas ornamentais onde flui, como é por demais conhecido, uma linguagem de matriz francesa. Concheados e gradinhas convivem, debaixo de uma significativa simetria, com grinaldas floridas, festões, cariátides e atlantes. Apesar da componente escultórica não ser tão evidente na azulejaria deste período como o é no portal pétreo, certa é ainda a sua presença na representação dessa tipologia. Ilustra este caso, de reinterpretção do modelo do portal joanino, o revestimento das várias capelas intercomunicantes da igreja do antigo convento de Santo António dos Capuchos de Lisboa, datado de c. 1740, atribuído a Nicolau de Freitas, bem como a singular obra da igreja de Nossa Senhora de Brotas, de 1743, esta atribuída a Bartolomeu Antunes²⁴.

No que à inclusão destas representações em silhares recortados refere, quer aquelas destacadas pela ornamentação envolvente, quer as fingidas em *trompe l'oeil*, podemos indicar como exemplos, esclarecedores desse efeito, os da Casa de Infância Dr. Elísio de Moura, em Coimbra, e o da portaria do antigo convento de Nossa Senhora da Soledade das Trinas do Mocambo, de Lisboa, datável do 2.º quartel do séc. XVIII²⁵.

²³ *Idem, ibidem*, pp. 181-182.

²⁴ Sobre este conjunto, atribuído a Bartolomeu Antunes, veja-se a entrada constante do catálogo *Arte Sacra no Norte Alentejano, Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2008, pp. 102-103.

²⁵ Acerca deste espaço consulte-se o estudo de João Miguel SIMÕES, *O Convento das Trinas do Mocambo: estudo histórico-artístico*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 2004.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.



CF1009.088n1.ic

IV - Nota final

Importa ainda mencionar que o carácter funcional do portal, que se consegue perceber nas representações azulejares, onde é liminarmente representado como que se de uma paisagem se tratasse, compete fortemente com o carácter ornamental, inúmeras vezes utilizado como se fosse um simples adereço cenográfico. A existência, na composição dos últimos, de elementos como pedestais, pilastras e colunas embebidas de diferentes morfologias, capitéis e outros elementos escultóricos, constantes nos diversos remates que as cantarias da portada podem apresentar, é muitas vezes sinónimo de algum conhecimento do vocabulário arquitectónico, por parte dos pintores azulejadores, filiado na tratadística, sobretudo quando o mesmo é aplicado a situações concretas, como remates de portais existentes, ou quando se criam exemplares fingidos à escala natural. Essa evidência, de um conhecimento dos programas formais e compositivos, articulada com a hábil adequação à realidade decorativa portuguesa, prestigia esta manifestação artística, e sobretudo os decoradores de espaços sagrados - aqueles que foram privilegiados na presente abordagem. Conclui-se portanto que a recorrente filiação dos modelos desenhados em obras gravadas, comumente referida no caso da arquitectura, não se aplica de forma cabal a situações como as apresentadas na azulejaria, o que reporta nesses exemplos a concepção da obra para uma esfera particularmente dinâmica e criativa por parte dos pintores de azulejo em Portugal.



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV, *Reabilitação Urbana 01. Intervenção de conservação e restauro – Igreja do Menino Deus*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005

A Arquitectura Imaginária. Pintura, Escultura, Artes Decorativas, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012

Arte Sacra no Norte Alentejano, Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2008

CARVALHO, Rosário Salema de, "Gabriel del Barco: The influence of a Spanish painter on Portuguese tile work (1669-1701)", in *Archivo Espanol de Arte*, Vol. 84, 335, 2011, pp. 227-244

CORREIA, Ana Paula Rebelo, "Azulejos e esculturas sem escultor: o espaço reinventado", in FLOR, Pedro, VALE, Teresa Leonor M. (coord. de), *A Escultura em Portugal - Da Idade Média ao Início da Idade Contemporânea: História e Património*, Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2011, pp. 399-416

COUTINHO, Maria João Pereira, FERREIRA, Sílvia, "Construindo identidades: Reconhecimento dos elementos decorativos comuns na azulejaria, embutidos marmóreos e talha dourada", in FLOR, Susana Varela (coord. de), *A Herança de Santos Simões, Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*, Lisboa, Edições Colibri, 2014, pp. 393-411

KEIL, Luís, *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Portalegre*, Vol. I, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1943

MANGUCCI, Celso, "Anatomia da Arquitectura da Igreja da Colegiada de Santiago de Évora", in *Boletim do Arquivo Distrital de Évora*, N.º 1, Julho de 2014, pp. 27-39

MARQUES, António Fernando, *Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro (Évora), Bases para uma Proposta de Recuperação e Valorização*, Évora, Edição do Autor, 2004



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

MECO, José, "Azulejo", in RODRIGUES, Dalila (coord. de), *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*, Vol. 13, Lisboa, FUBU Editores, 2009, pp. 114-136

MECO, José, "Azulejos de Gabriel del Barco na Região de Lisboa", (Separata do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, N.º 85), Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, 1979

PAIS, Alexandre, "O espólio azulejar nos palácios e conventos da Misericórdia de Lisboa", in AA.VV., *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2006, pp. 136-161

SERRÃO, Vítor, *História da Arte em Portugal, O Barroco*, Lisboa, Editorial Presença, 2003

SERRÃO, Vítor, "Marcos de Magalhães. Arquitecto e Entalhador do Ciclo da Restauração (1647-1664)", in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, N.º 89, Tomo I, 1983

SIMÕES, J. M. dos Santos, "A intenção decorativa do azulejo", in *Litoral*, n.º 3, 1943, pp. 279-268

SIMÕES, J. M. dos Santos, *Azulejaria em Portugal nos Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969

SIMÕES, J. M. dos Santos, *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979

SIMÕES, J. M. dos Santos, *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*, (Edição Revista e Aumentada), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

SIMÕES, J. M. dos Santos, "Os notáveis azulejos da Igreja de São Lourenço de Almansil", in *Correio do Sul*, N.º 1657, Agosto de 1949

SIMÕES, João Miguel, *O Convento das Trinas do Mocambo: estudo histórico-artístico*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 2004

Um Gosto Português. O uso do azulejo no século XVII, Lisboa, Babel e MNAz, 2012

INTERNET



Maria João Pereira COUTINHO, "Portais barrocos na azulejaria portuguesa: modelos e componente decorativa" in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

"Catedral de Viseu / Sé de Viseu / Igreja Paroquial de Santa Maria / Igreja de Nossa Senhora da Assunção", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5790, a 30 de Março de 2015

"Convento de São Domingos / Catedral de Aveiro / Sé de Aveiro / Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Glória / Igreja de Nossa Senhora da Glória", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=238, a 30 de Março de 2015

"Edifício e Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5174, a 30 de Março de 2015

"Igreja da Santa Casa de Misericórdia de Aveiro", consultado em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5173, a 30 de Março de 2015